

A PRODUÇÃO DO LAZER NA URBE: A
CONSTRUÇÃO DO ESTÁDIO MUNICIPAL
FRANCISCO ROCHA PIRES (JACOBINA – BA – 1955-
1959)¹²⁸

Edson Silva¹²⁹

Artigo recebido em: setembro/2015

Artigo aceito em: outubro/2015

Resumo:

O presente texto analisa a edificação do estádio municipal Francisco Rocha Pires, inserida dentro de um processo de modernização urbana, ocorrido na cidade de Jacobina em meados da década de 1950. Através do cruzamento de fontes, como: textos jornalísticos, documentos administrativos, leis municipais, fotografias, Código de Posturas, livro de atas da Câmara Municipal, relatório de prestação de conta do gestor e textos memorialísticos, ao longo do artigo, procuramos descrever e examinar a construção do campo esportivo. Com esse espaço, era instituído no mapa urbano um ambiente de lazer e prática de esportes – obra que consideramos

¹²⁸ O presente texto é uma versão com alguns acréscimos e modificações de parte de um capítulo da dissertação de mestrado intitulada “Modernização, sanitarismo e cotidiano (Jacobina – BA 1955-1959)” defendida no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande (2015).

¹²⁹ Graduado em História pela Universidade do Estado da Bahia – Campus IV - UNEB - (2012). Mestre em História pela Universidade Federal de Campina Grande - UFCG - (2015). Professor de História da Educação Básica. Link do Currículo Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4427210J3>

enquanto estratégica para a forma de vida urbana que se buscava imprimir na cidade naquele contexto.

Palavras-chave: Cidade; Lazer; Esportes; Modernização; Estádio.

Abstract:

This text analyses the building of the municipal stadium, named *Francisco Rocha Pires*, into the process of urban modernization occurred in the town of Jacobina in the middle of the 1950's decade. By contrasting sources, like: texts of newspapers, administrative documents, municipal laws, photographs, the Code of Conduct, the town council minute book, reports on accountability and memory texts, along this text, we aim at describing and examining the building of the sports field. With this building, it was implanted in the urban area a place for leisure and physical exercises – an aspect, we state, as an instrument of reaching the urban lifestyle that was aspired to this town at that time.

Keywords: Town; Leisure; Physical Exercises; Modernization; Stadium.

Ao longo desse artigo examinamos o processo de produção de um espaço de lazer e de estímulo às práticas desportivas na cidade de Jacobina¹³⁰, com a construção de um estádio e de uma quadra poliesportiva, durante a gestão municipal do engenheiro agrônomo Orlando Oliveira Pires (1955-1959). Deste modo, fizemos uso de um variado conjunto documental, cruzamos e analisamos fontes a exemplo de textos de jornalistas locais, leis municipais, relatório do prefeito, atas da Câmara Municipal, livros de memorialistas e fotografias. Dessa série documental

¹³⁰ Jacobina é uma cidade baiana situada geograficamente na região denominada de Piemonte Norte da Chapada Diamantina, distante 330 quilômetros da capital do estado, Salvador. Foi emancipada em 1880 com o nome de “Agrícola Cidade de Santo Antônio de Jacobina”. A formação do núcleo urbano, que de vila veio a se constituir como cidade, esteve ligada à introdução dos currais de gado (séc. XVII) nos sertões baianos e à descoberta de ouro nas serras adjacentes, que atraiu emigrantes de diversos lugares em busca do minério. (Cf. COSTA, 1918, p.235-306).

diversificada levantamos os indícios da forma de atuação da administração municipal, na sua estratégia de gerência do espaço urbano e da população cidadina.

Na perspectiva assumida para analisar o processo de modernização de Jacobina naquele contexto, demarcamos que a praça de esportes funcionava como um dispositivo na estratégia da gestão da cidade. Assim sendo, entendemos que criava-se um ambiente de lazer, sociabilidade e prática desportiva na urbe, em que se desenvolviam atividades aceitas e incentivadas socialmente – tratava-se de um lazer urbano saudável e moderno. Por outro lado, combatiam-se as diversões populares, a exemplo do entrudo, bem como os ditos “jogos de azar”, que eram associados às práticas e comportamentos vistos como desviantes ao modelo de conduta cidadão, disciplinado e produtivo.

A cidade de Jacobina em meados da década de 1950 passou por substanciais transformações no espaço urbano. Durante a gestão municipal do engenheiro agrônomo Orlando Oliveira Pires (1955-1959) a cidade sofreu uma série de intervenções, erguendo uma nova materialidade e paisagem urbana. No curso da administração de Orlando Oliveira Pires foram empreendidas intervenções urbanísticas tendo em vista construir uma nova cidade. A estratégia de gestão do poder público municipal, em parceria com instituições federais e estaduais, visava fabricar uma nova ordem urbana e imagem da urbe. Dessa forma, foram empreendidas medidas de controle das formas de edificação e fiscalização das moradias; desodorização dos espaços públicos e saneamento da cidade, com o melhoramento do serviço de limpeza urbana e a construção de serviços de água encanada e esgotos; pavimentação de ruas e construção de uma larga avenida; ampliação do serviço de energia elétrica; edificação de equipamentos de lazer urbano, como a construção do estádio municipal; e a modernização das comunicações e dos transportes, com a construção do campo de aviação¹³¹ e da Companhia Telefônica de Jacobina.¹³² Mudanças urbanas que levaram o prefeito

¹³¹Aberto ao Tráfego o Aeroporto Desta Cidade – Vanguarda, 14/12/1958. N.º 474.p.1; A Atlanta Táxi Aéreo Ltda. - Vanguarda, 21/12/1958.Nº475.p.4

¹³² Serviço Telefônico Para Jacobina. Vanguarda, 18/01/1958. N.º427.p.1; Serviço telefônico será inaugurado hoje - Vanguarda, 15/03/1960. Nº499.p.1

Orlando Oliveira Pires, na sua mensagem encaminhada à Câmara Municipal relativa ao ano de 1957, a designar este momento como a “fase de ouro” da cidade.¹³³

Como dito, fez parte do projeto de vida urbana pautado pelas intervenções da gestão de Orlando Oliveira Pires, um espaço para práticas desportivas e de lazer. A construção de um estádio e de uma quadra servia para delimitar um espaço específico para determinadas práticas de esporte, de lazer e sociabilidade da população cidadina. Através da lei N° 48 de 20 de outubro de 1955, os vereadores autorizaram o prefeito a desapropriar um terreno para a construção do estádio municipal e abrir um crédito especial para a prefeitura, a fim de pagar o valor da indenização aos proprietários do terreno.¹³⁴

No ano seguinte começavam as atividades de construção do estádio¹³⁵, que já tinha um nome concebido: Estádio Municipal “Dr. Francisco Rocha Pires”. Assim como no caso da construção nova avenida (Avenida Orlando Oliveira Pires) edificada no centro da cidade, que recebeu o nome do gestor municipal, o espaço esportivo recebia o do deputado estadual, chefe político do grupo do prefeito. Posteriormente foi criada uma lei, reafirmando o nome do deputado para o espaço.¹³⁶ Essa política de nomeação obedecia a um investimento de ordem simbólica, a projeção da imagem do grupo político que administrava a cidade. Sobre os espaços urbanos, buscavam não apenas remodelá-los, mas também inscrever seus nomes, inserindo uma marca e referência no cotidiano da cidade, nas ruas e praças.¹³⁷

¹³³ Relatório e prestação de contas do executivo de Jacobina, referente ao exercício de 1957. Acervo: Poder Legislativo. Fundo: Câmara de vereadores. Datas-limites: 1951/1989. Serie: Relatório Maço: 01. Caixa: 109. Arquivo Público Municipal de Jacobina. APMJ.

¹³⁴ Lei n° 48-55, de 20 de outubro de 1955. Livros de Registro de Leis de 1955 a 1967. APMJ. Desapropriado o Terreno do Futuro Estádio Municipal - Vanguarda, 29/10/1955. N° 316.p.1

¹³⁵ O andamento das obras do estádio não impedia a realização das práticas desportivas, sendo nos finais de semana praticados jogos no espaço. Vanguarda Desportiva - Vanguarda, 24/12/1955. N.º324.p.4

¹³⁶ JACOBINA. Lei N°. 82 de 27 de dezembro de 1956, Dá denominação ao Estádio Municipal, regula a sua utilização e dá outras providências. Livros de Registro de Leis de 1955 a 1967.p. 20-22.APMJ.

¹³⁷ A construção de memória dos homens considerados por aqueles sujeitos como importantes não ficou nessas nomeações citadas, também foi renomeada em 1956 a Rua 24 de outubro, que passou a ser chamada pelo nome do então deputado federal Manuel Novais. “Passou a Denominar-se

Ao mesmo tempo em que operava-se a transformação e a construção de novos logradouros na cidade, com as obras de modernização, articulavam-se outros espaços, da ordem do simbólico, que podemos entender como lugares de memória. Como defende Pierre Nora:

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais (NORA, 1981, p.13).

No caso da política de modernização/urbanização que estamos analisando, os lugares de memória cristalizavam-se pela inscrição dos nomes do grupo gestor da cidade nos logradouros públicos, a exemplo da nomeação da rua (Manuel Novais), da avenida (Orlando Oliveira Pires) e do estádio (Francisco Rocha Pires).

As atividades desportivas faziam parte do cotidiano da cidade, era um dos entretenimentos da população nas tardes de domingo, como percebe-se a partir da coluna semanal *Vanguarda Desportiva*. Nessa seção do jornal *Vanguarda*, sempre publicada na última página, apresentava semanalmente informações a respeito das pelepas futebolísticas e de cestobol – como era denominado também o basquetebol –, dos campeonatos e torneios entre equipes da cidade e com outros municípios próximos, organizados pela Liga Desportiva Jacobinense. Nas notas da coluna *Vanguarda Desportiva*, identifica-se que as práticas esportivas na cidade eram realizadas num espaço chamado de “Jacobina Piscina-Clube” e numa quadra denominada “Dr. João Matos”. Já Alcira Pereira Carvalho Silva, no seu livro de memórias assinalou a existência de outro espaço, registrou que, durante os anos de 1940, na época de estudante no ginásio local, a prática de voleibol e basquete, comum entre os estudantes, era feita no Estádio Duque de Caixas, situado no local onde foi edificado o Centro Educacional Deocleciano Barbosa de Castro.¹³⁸

A construção do estádio pela prefeitura vinha instituir um espaço público para práticas desportivas e de lazer, tendo em vista uma ordenação por parte da

Avenida “Manuel Novais” - Vanguarda, 30/06/1956. N.º350. p.1; “Alvo de Expressiva Homenagem o Dep. Manuel Novais” - Vanguarda - 30/06/1956. N.º350.p.1

¹³⁸ Cf. SILVA, Alcira Pereira Carvalho. *50 anos depois*. Salvador: S.C.P., 1984. p.49-50.

municipalidade dessas atividades. Deve-se lembrar que um importante documento definidor para a vida nas cidades no século XX, principalmente para as cidades ocidentais, foi a Carta de Atenas, elaborada em 1933 pelos arquitetos-urbanistas participantes do Congresso Internacional de Arquitetura Moderna. O urbanismo preconizado pela Carta de Atenas defendia uma cidade racionalizada, destacando, sobretudo, a eficácia das funções urbanas e sua estética. De tal modo, justificavam a necessidade de criação de espaços de lazer nas cidades, enquanto uma questão de saúde pública. Num trecho do citado documento assim era determinado:

Deve ser estabelecido um programa de entretenimento abrangendo atividades de todo tipo: o passeio, solitário ou coletivo, em meio à beleza dos lugares; os esportes de toda natureza: tênis, basquete, futebol, natação, atletismo; os espetáculos, concertos, teatros ao ar livre, jogos de quadra e torneios diversos (CIAM, 1933.p.17).

No *Vanguarda*, num pequeno texto, na quarta página, era noticiado as medidas iniciais da construção do estádio:

A REDENÇÃO DO FUTEBOL

Procurando ir de encontro às aspirações de seus munícipes, o dr. Orlando Oliveira Pires, prefeito da comuna, efetua as medidas preliminares para a construção de um Estádio em Jacobina, a fim de que os desportistas disponham de um excelente gramado para a prática do futebol. Dentro de algum tempo os trabalhos materiais serão iniciados, localizando-se a praça de esportes em terrenos próximo ao Largo “2 de Julho”¹³⁹.

Dessa maneira, para a gestão municipal, sendo o futebol um dos esportes mais difundidos na cidade, merecia a edificação de um espaço para tal fim dentre as medidas de urbanismo, executadas pela administração. O jornal, por sua vez, denotava, na citada nota, a construção do estádio de modo entusiástico, como a redenção do futebol da urbe.

¹³⁹ Vanguarda, 15/05/1955. N°. 292 p. 4

O futebol, esporte de origem inglesa, chegou ao Brasil no final do século XIX, era um esporte elitista, praticado em clubes fechados. No entanto, não tardou a cair no gosto popular (LUCENA, 2000, p.121). Como apontou o historiador Nicolau Sevcenko, em estudo sobre a urbanização da cidade de São Paulo na década de 1920, o “surto desportivo” que a cidade vivenciou naquela década, o futebol destacava-se como prática esportiva bastante difundida na sociedade paulistana (SEVCENKO, 1992, p.43-72). Nos anos de 1950, o futebol já era um dos esportes mais disseminados no país, com o desempenho bem-sucedido da seleção brasileira a partir dessa década em jogos internacionais. Tornou-se mais um dispositivo na construção da identidade nacional e da imagem do país (HOLLANDA, 2005, p.401).

Numa coluna da primeira página do *Vanguarda*, era noticiado o andamento das obras:

INICIADA A CONSTRUÇÃO DA AMURADA DO ESTÁDIO

Foram iniciados há dias, e prosseguem sem solução de continuidade os trabalhos de construção da amurada do futuro Estádio Municipal, no bairro da Estação Ferroviária, nesta cidade.

O Estádio que ora está sendo construído pela Prefeitura Municipal, segundo a sua planta, será um dos melhores do interior da Bahia¹⁴⁰.

Através de uma lei municipal, o novo espaço passava a ser regulamentado.¹⁴¹ A legislação, em linhas gerais, definia que seria destinado às práticas esportivas, e seria administrado pela prefeitura e pela Liga Desportiva Jacobinense. Ademais, estipulava a participação das duas instituições nas rendas provenientes da realização dos jogos; regulava a venda e o valor dos ingressos;¹⁴²

¹⁴⁰ VANGUARDA, 14/04/1956 N°.339. p.1.

¹⁴¹ JACOBINA. Lei n°. 82 de 27 de dezembro de 1956, Dá denominação ao Estádio Municipal, regula a sua utilização e dá outras providências. Livros de Registro de Leis de 1955 a 1967.p. 20-22.APMJ.

¹⁴² A questão do valor do ingresso era de grande interesse por parte dos responsáveis pelas pelepas futebolísticas na cidade, em 1957 uma divergência acerca do valor do ingresso chegou a provocar a renúncia coletiva da diretoria da Liga Desportiva Jacobinense, presidida pelo médico Ângelo

criava normas para a realização de jogos e campeonatos, e para o funcionamento do interior do espaço como suporte de publicidades, conforme preceituava o artigo 12º. “A título de cooperação as casas comerciais poderão inscrever propagandas na parte interna do muro do Estádio Municipal ‘Dr. José Rocha Pires’, ficando as ditas casas isentas das incidências orçamentárias no particular.”¹⁴³

A nova praça de esportes inserida no desenho urbano funcionava como mais um mecanismo de gestão da cidade, o lazer passava a fazer parte do projeto de urbanismo desenvolvido. Delineava-se um espaço com regras de uso, destinado a práticas específicas e aceitas socialmente, com dias e horários previamente estipulados para acontecer. Se, de um lado, a nova praça esportiva da cidade instituía o lazer urbano, por outro, servia as dependências internas como meio de suporte de publicidade – os muros do espaço funcionariam na divulgação de estabelecimentos comerciais e mercadorias, agenciando o consumo.

A questão de um lugar específico para as práticas futebolísticas era determinante, fora dos domínios desse lugar reconhecido, as práticas ganhavam outra conotação, sendo tratada por termos diferentes. Na primeira página do jornal *Vanguarda*, uma pequena nota declarava acerca do jogo de futebol no distrito de Catinga do Moura:

A PRAÇA NÃO É LUGAR DE JOGAR FUTEBOL!

Da vila de Catinga do Moura pedem-nos solicitar providencias às autoridades policiais contra o jôgo de futebol que certos jovens desocupados praticam na principal praça daquela localidade, com prejuízo para a sua população.

Aí fica o fato registrado com vistas ao sr. Delegado de Polícia dêste Município¹⁴⁴.

Brandão. Na ocasião, os vereadores haviam reduzido o valor do ingresso do Estádio Municipal. Cf. Renúncia da Diretoria da LDJ. *Vanguarda*, 05/01/1957. N.º.337. p.4

¹⁴³ JACOBINA. Lei N.º. 82 de 27 de dezembro de 1956. APMJ.

¹⁴⁴ VANGUARDA, 07/01/1956. N.º.326.p.1

O futebol podia ser uma prática aceita e incentivada na cidade, sendo visto como um esporte moderno e responsável por desenvolver corpos saudáveis, contudo, desde que fosse praticado dentro dos limites instituídos e seguindo as regras determinadas. A prática improvisada do esporte na rua, com corpos em parte despidos e de pés descalços, animada por gritos, assovios, zombaria e pilhéria entre os praticantes (gestos comuns nessas ocasiões), merecia, por sua vez, intervenção policial, como argumentava o jornal na citação exposta. Para os letrados articulistas do periódico e autoridades, defensores do uso ordenado das ruas, a prática do jogo nessas condições era inadmissível, pois estaria perturbando a desejada ordem da localidade. O esporte devia ser praticado, entretanto, num espaço circunscrito, com tempo delimitado para ocorrer e regido por regras.

Porém, apesar do reconhecimento, por parte do gestor, do papel do esporte para a vida urbana jacobinense, os benefícios do futebol, especificamente para os jovens estudantes, não era consenso. Na segunda página do *Vanguarda*, entre as colunas de anúncios de estabelecimentos comerciais, de serviços de profissionais liberais (contador, médico, advogado, dentista) e das colunas sociais, foi publicado um pequeno poema, versando sobre as práticas de futebol na cidade. O tom da peça poética, assinada por LEONAM, não era em nada animadora sobre o assunto. Vejamos:

A ESTUDANTADA E A BOLA

No momento em Jacobina,
Do nascer ao pôr do sol,
Como se fala em futebol.

Estudantes da cidade,
Muitos detestam a escola;
Pensam que a felicidade
está no jogo da bola.

Faz pena ver o estudante
De curso ginásial,
Com o pensamento distante,
No Estádio Municipal...

A gurizada na rua
(Não pense que é lorota!)
Vive no mundo da lua,
Correndo atrás da pelota.

Você, leitor, não se assuste,
Quando esses bons jogadores,
Aplicaram um grande chute
Nos livros e... professores!

LEONAM¹⁴⁵.

Não sabemos se tratava-se de pseudônimo, pois não conseguimos localizar outros escritos com essa assinatura, nem mesmo outros textos focando do assunto. Entretanto, nos concentramos na provocação que o autor do texto literário suscitava. A narrativa fazia uma crítica à paixão futebolística em voga na cidade, que estava afetando os estudantes e levando ao desprezo e desinteresse pela escola e pelas atividades intelectuais (“*Estudantes da cidade, Muitos detestam a escola. Pensam que a felicidade. Está no jogo da bola.*”). O poema construía uma oposição entre as atividades educativas do ginásio local, responsáveis pela formação e cultivo das letras, e as práticas futebolísticas, que os faziam viverem “no mundo da lua. Correndo atrás da pelota.” O esporte bretão estava desvirtuando os jovens estudantes. Como identifica-se, havia vozes dissonantes quanto aos efeitos da prática futebolista para a juventude da cidade. Publicado no jornal e difundido pelas ruas e residências, o texto buscava mobilizar a opinião dos leitores sobre o assunto e o impacto negativo do estádio entre os estudantes. Esses, em vez de exercitarem o cultivo das letras (leitura e escrita), exercitavam o corpo e usavam os pés.

¹⁴⁵ VANGUARDA, 16/10/1955. N°314.p.2

Logo que o estádio começou a ser construído, os jogos também passaram a ser praticados no local. Nas páginas do jornal, na coluna *Vanguarda Desportiva*, consecutivas notas informavam sobre o andamento das obras em torno do estádio municipal.¹⁴⁶ Em 1956, os colunistas desportistas na corriqueira coluna do *Vanguarda* faziam um balanço das atividades desportivas durante o ano de 1955, destacavam os aspectos positivos e lançavam boas expectativas para o ano que começava quanto ao desenvolvimento dos esportes na cidade:

VANGUARDA DESPORTIVA

AS ATIVIDADES DESPORTIVAS NO ANO FINDO

Está encerrada a temporada de 1955, de grande proveito para o desenvolvimento esportivo de Jacobina. O grande acontecimento do ano, sem sombra de dúvida, foi o Estádio Municipal, inaugurado em 25 de setembro passado, que há decênios os jacobinenses ansiavam possuir. Uma grande obra que teve no dr. Orlando Oliveira Pires, prefeito da Comuna, o seu principal realizador. Tendo agora um lugar onde possa praticar e apreender livremente o seu esporte favorito, o desportista jacobinense presente o ritmado crescimento e o aperfeiçoamento incontestado do futebol em nosso meio, com os quadros atuais proporcionando bons e melhores espetáculos. (...)

Tanto no basquetebol, como no futebol, as duas modalidades esportivas de maior projeção em nossa terra, torna-se difícil apontarmos os melhores conjuntos, pois, a par da categoria de vários quadros, temos de assinalar que houve fases distintas em que estiveram em plano superior determinadas equipes. (...)

Com 1956, iniciamos uma etapa de 366 dias em que esperamos o completo amadurecimento do desporto local. VANGUARDA DESPORTIVA felicita a todos os desportistas, augurando (sic) que o Ano Novo seja a continuação firme e soberana do progresso alcançando em 1955, elevando Jacobina a um lugar de destaque no cenário desportivo do Estado.

¹⁴⁶ Vanguarda Desportiva - Vanguarda, 24/12/1955. N.º324. p.4; Vanguarda Desportiva - Vanguarda, 14/04/1956. N.º 339.p.4; Vanguarda Desportiva – FLASH ESPORTIVO - Vanguarda, 09/03/1957. N.º385.p.4; Fechamento do Estádio - Vanguarda, 27/04/1956. N.º391.p.4

A construção do Estádio Municipal estava relacionada com o ideal de cidade e estilo de vida urbana imaginado para Jacobina nesse contexto. Através desse novo espaço desejava-se não apenas estimular as práticas esportivas na cidade, mas ainda instituir um ambiente de lazer. Envolvendo tanto praticantes quanto um público que assistia ao espetáculo das práticas desportivas, constituía um tipo de lazer urbano e um momento de interação social na cidade. Dessa maneira, o novo espaço que servia para a prática de esportes, de lazer e sociabilidade, operava uma espécie de pedagogia:

É esta pedagogia que irá também, em curto espaço de tempo, ensinar, de uma maneira totalmente nova, como podem ser sadios os divertimentos, ou seja, não apenas praticar esporte, mas também assistir ao esporte, formar, portanto, o espectador do divertimento sadio (SOARES, 2008, p.81-82).

Em 1957, no seu relatório de prestação de contas, o alcaide pronunciava-se a respeito das obras do estádio municipal nesses termos:

Prosseguindo nos trabalhos de conclusão de uma das mais modernas praças de esportes do interior do Estado, o estádio Dr. José Rocha apresentou a cada dia que passa uma feição mais imponente. Já foi concluída a arquibancada e na sua frente, foi levantado o almabrado (sic) com uma extensão de 80 oitenta metros. Na parte inferior e posterior da referida arquibancada, foram construídas dependências destinadas aos serviços de bar e sanitário para assistência. A quadra destinada ao Bastek - Ball já foi concluída, sendo o piso cimento concreto e os suportes das tabelas em concreto armado.¹⁴⁸

Na mensagem encaminhada aos vereadores, o gestor ressaltava a dimensão da obra, descrevia a configuração interior (tamanho, escala, equipamentos) e

¹⁴⁷ VANGUARDA, 07/01/1956. N°326.p.4

¹⁴⁸ Relatório e prestação de contas do executivo de Jacobina, referente ao exercício de 1957. Acervo: Poder Legislativo. Fundo: Câmara de Vereadores. Datas-limites: 1951/1989. Série: Relatório. Caixa: 109. Maço: 01. APMJ.

apontava para os materiais empregados, esses últimos, por sua vez, artefatos modernos (cimento, concreto e aço). Buscava apresentar-se como sujeito conhecedor das ações em torno da obra do estádio e da quadra,¹⁴⁹ preocupado com sua construção, funcionalidade, conforto e durabilidade. A edificação, exaltada como “das mais modernas praças de esportes do interior do Estado”, assinalava a preocupação de projetar a cidade em relação a outros centros urbanos.

No decorrer do ano de 1957, sucessivos artigos publicados na coluna *Vanguarda Desportiva*, assinados pelo colunista Fernando, apresentavam o andamento das obras e criavam expectativas de retorno das atividades esportivas no novo campo de futebol.¹⁵⁰ Num dos textos anunciava que, possivelmente, seria a abertura do estádio feita com um time da capital e em conjunto com a festa dos “Cometas”, evento realizado em poucas cidades do estado.¹⁵¹ Para a euforia dos aficionados pelo esporte bretão, a cidade apresentava-se com um novo e estruturado espaço, sobre o qual cogitava-se a inauguração com a participação de atletas vindos de um centro urbano mais adiantado.¹⁵² Contudo, acompanhando as colunas de Fernando, não localizamos que o desejado encontro futebolístico veio a acontecer.

Em setembro de 1957, o estádio era aberto com a realização de um espetaculoso evento, que envolvia a realização de jogos e outras atividades de exercício do corpo, e contando com a participação de uma delegação estudantil vinda da cidade vizinha de Campo Formoso. Conforme escreveu Fernando na sua coluna *Vanguarda Desportiva*:

JOGOS DA PRIMAVERA

Os festejos de reabertura do Estádio Municipal “José Rocha”, serão assinalados com a realização, na tarde de amanhã, dos “Jogos da

¹⁴⁹ Em 1956 no jornal Vanguarda, era anunciado que, seguindo o caminho do resto do país, era implanto em Jacobina o futebol de salão. Futebol de Salão - Vanguarda, 26/05/1956. N.º345 p.4

¹⁵⁰ Reabertura do Estádio Municipal - Vanguarda, 10/08/1957. N.º404.p.4

¹⁵¹ Jacobina tinha sido escolhida em 1956 no concurso realizado em Senhor do Bonfim, concorrendo com as cidades de Juazeiro e Ipiatã. Cf. Escolhida Jacobina Para a Sede da VII Parada dos "Cometas" - Vanguarda, 06/10/1956. N.º364. p.1; Instalada Nesta Cidade a VII Paradas dos "Cometas" - Vanguarda, 06/04/1957. N.º388.p.1

¹⁵² Vanguarda Desportiva - Reaparecimento do Futebol - Vanguarda, 24/08/1957. N.º406.p.4

Primavera”. Sob os auspícios do Ginásio “Deocleciano Barbosa de Castro” e da Delegacia Escolar, com a colaboração das escolas primárias e das associações desportivas citadinas, as festividades terão início às 9 horas, com o desfile das ginásianas em trajes desportivos, que sairão do Ginásio, percorrendo as principais vias da cidade, projetando a graça e a beleza do brôto jacobinense.

À tarde, tendo como palco a nossa majestosa praça de esportes, serão efetuadas competições de atletismo, com corrida de cem metros rasos, corrida de revezamento 4x100, ginástica esportiva generalizada, pelo Jardim da Infância, jogos de vólibol (sic) feminino e masculino, encerrando-se as disputas com a efetivação de duas peijas de futebol. No primeiro encontro intervirão as representações do Ginásio local e do Ginásio “Augusto Galvão”, da cidade de Campo Formoso, cabendo ao vencedor, no encontro seguinte, enfrentar a equipe da A.D “Cruzeiro” local. Segundo nos consta, o clube cruzeirense, nesta oportunidade, fará a solenidade da imposição das faixas de campeões nos seus atletas que levantam o título máximo de futebol do campeonato jacobinense de 1956.

FERNANDO¹⁵³.

Como identifica-se no registro jornalístico, as práticas eram estimuladas através do ginásio local e demais instituições escolares e desportivas que participavam da organização do evento descrito, os Jogos da Primavera. A ser realizado na maior parte dentro do estádio recém-aberto, o evento envolvia um misto de práticas esportivas e de ginásticas, tendo como público privilegiado para as atividades estudantes colegiais, sem distinção de gênero. Dessa maneira, pontuamos algumas questões. Com a instauração da educação física e práticas esportivas nas escolas, visavam os educadores adestrar o corpo desses adolescentes, torná-los saudáveis e dóceis. A educação passaria não apenas pela mentalidade, mas ainda em escrever sobre os corpos comportamentos e hábitos salutareis. Dito de outra maneira, as atividades de ginásticas e de esporte seguiam, por sua vez, preceitos médicos, ensinados nas escolas pelos professores, tinha em vista fabricar sujeitos higiênicos e com corpos saudáveis (BURITI, 2009, p.210-211). Por outro lado,

¹⁵³ VANGUARDA, 21/09/1957. N° 410. p.4

seguiram um caráter disciplinador, sendo as práticas esportivas regidas por regulamentos e regras, educavam-se os corpos desses jovens a seguirem normas. No entanto, no relato do evento, o colunista acrescentava algo a mais, estabelecia-se a associação entre as atividades de ginásticas e um corpo belo, como sugere acerca da “graça e a beleza do ‘brôto jacobinense’”, que desfilaria pelas ruas da cidade e possivelmente nas dependências da inaugurada praça de esportes.

Como observou Nicolau Sevencko, quanto à inserção dos esportes no meio urbano paulistano dos 1920, as práticas desportivas possibilitaram a saída das mulheres para o espaço público, seja praticando esportes, fosse assistindo esportes, vibrando na torcida. Como também contribuíram para a transformação dos modos de vestir das mulheres, uma vez que os trajes desportivos eram encurtados e ajustados ao corpo (SEVCENKO, 1992, p.49-51).

O estádio vinha a somar na rede de espaços e práticas na cidade, além das escolas¹⁵⁴ e das exigências dos médicos sanitaristas, na produção de corpos saudáveis? A questão parece plausível, a preocupação com condições de salubridade dos espaços e higiene dos corpos, tendo em vista produzir uma população saudável, estava na ordem do dia naqueles anos. Nesse sentido, na medida em que introduzia-se um espaço para a prática de esporte e ginástica, desejava-se instituir outro ambiente de exercício físico e educação do corpo na cidade, funcionando ainda como prática de lazer saudável e civilizada.

Imagem 1: A quadra poliesportiva e o estádio municipal Francisco Rocha em 1959.

¹⁵⁴ Os médicos também atuavam como professores no ginásio local; Alcira Pereira de Carvalho registrou, no seu livro de memória, o trabalho do médico Ângelo Brandão, no preparo físico dos alunos do Ginásio Deocleciano Barbosa de Castro para os desfiles cívicos e eventos desportivos. Cf. SILVA, Alcira Pereira Carvalho. *50 anos depois*. Salvador: S.C.P., 1984. p.60. Além disso, alguns médicos também participavam dos clubes locais como o chefe do departamento médico e no preparo físico dos jogadores, como o médico Carlos Alberto Pires Daltro no time do Sucata F. C. Cf. Chefe do Departamento médico. *Vanguarda*, 22/05/1955. N.º293.p.4.



Fonte: Fotografia de Osmar Micucci. (Acervo: NECC/UNEB – CAMPUS IV).

As transformações materiais da cidade correspondiam à expectativa de uma dada ordem urbana. Como estamos analisando, esses equipamentos obedeciam a uma estratégia de gerir a cidade. “A estratégia postula um lugar suscetível de ser circunscrito como *algo próprio* e ser a base de onde se podem gerir as relações com *uma exterioridade* de alvos ou ameaças (...). Gesto da modernidade científica, política ou militar” (CERTEAU, 2009, p.99). Desse modo, emergia o estádio no desenho urbano da cidade, como um espaço que vinha a estimular práticas esportivas, que tinham o exercício físico e corpo como referência, difundindo valores, moldando gestos e comportamentos.

Além do mais, buscava-se instituir na cidade, um regime de visibilidade dos corpos no território urbano, sobretudo dos desportistas. Os corpos robustos dos atletas, produzidos pelas técnicas de exercício físico, podiam ser expostos na dependência do estádio, mas fora do espaço era motivo de censura, sendo objeto de controle na cidade por parte dos prepostos de segurança. Dessa maneira, o jornal *Vanguarda*, patrono da ordem e da moral na urbe, tecia elogios às determinações do delegado, que tomou a seguinte medida:

PROIBIDO O USO DE CALÇÃO FORA DO ESTÁDIO

Medida elogiável esta que, através do Aviso abaixo publicado, acaba de tomar o cap. Edgar Gomes Rocha, Delegado Especial nesta cidade, proibindo o reprovável hábito que têm certos desportistas locais de andar trajados de calção pelas nossas ruas, numa afronta ao pudor e à moral públicos. (sic)

Eis o texto do Aviso:

Em 25 de setembro de 1956.

Ilms. Srs. Diretores de VANGUARDA – Nesta Cidade.

I - Tendo esta Delegacia Especial recebido várias queixas de que a moral pública nesta cidade esta sendo abalada com a frequência de esportistas trajados de calção pelas vias públicas, achou por bem Delegado Especial de proibir tais abusos, punindo os infratores que forem encontrados nestes trajes, fora das praças de esportes.

II – Para que esta providencia chegue ao conhecimento dos infratores, solicito de V.Sas. a publicação da mesma, no seu conceituado jornal Vanguarda, órgão que dirigido, merecendo por isto mesmo a devida deferência da população jacobinense.

Aproveito a oportunidade para apresentar-lhes os meus testemunhos da mais elevada estima e distinta consideração.

CAP. EDGAR GOMES ROCHA – DELEGADO ESPECIAL¹⁵⁵.

A proibição da exposição dos corpos nas ruas da cidade já fazia parte das posturas municipais: “Art. 72 Ninguém (sic) poderá andar seminú (sic) nas ruas da cidade, sob pena de 20\$000 de multa”.¹⁵⁶ Sendo constantemente confrontada a norma, o delegado resolvia então instituir um novo instrumento definidor de regras de usos das ruas e visibilidade dos corpos nos logradouros. Se antes a norma prescrita estava restrita apenas à instância municipal, com a aplicação de multa para os transgressores, transferia-se para a autoridade policial, a fim de melhor combater as práticas insubmissas. Deste modo, sofisticavam-se os mecanismos de controle na

¹⁵⁵ Proibido o Uso de Calção Fora do Estádio Cap. Edgar Gomes Rocha – Delegado Especial. Vanguarda, 29/09/1956. N.º363.p.4

¹⁵⁶ Código de Posturas da Cidade de Jacobina, Ato nº 57, de 30 de dezembro de 1933.p11.

cidade, na: “Tarefa imensa de ‘maquinar’ os corpos para que soletrem uma ordem” (CERTEAU, 2009, p. 240-244). Na situação enunciada no texto jornalístico, a preocupação maior era com os praticantes de esportes que, dentro dos limites do estádio, exibiam seus corpos e eram aplaudidos por suas performances, porém, exterior às dependências da “praça de esporte”, nas ruas, seus corpos semidespidos contrariavam o recato, feriam a moral e o pudor daquela sociedade.¹⁵⁷ Na perspectiva dos agentes administrativos, normatizadores e jornalistas, na ordem urbana desenhada para a cidade, na paisagem das ruas não se devia admitir a visibilidade do corpo, quer fosse despido ou semidespido (trajados de calção).

A preocupação com o corpo da população cidadina era um elemento presente nos dispositivos de regulação da vida urbana. Além dessa medida instituída pelo delegado, as posturas municipais, mecanismo de ordem administrativa e disciplinador das práticas urbanas, nos artigos transcritos a seguir, dirigiam-se em específico aos corpos dos sujeitos:

Art. 68 Ninguém poderá proferir nas ruas e casas comerciaes palavras obscenas ou gestos que ofendam a moralidade publica; multa de 10\$000.

Art. 71 Igual poderá, digo, igual multa será aplicada ao proprietario ou inquilino que consentir em suas casas danças indecentes, batuques, sambas, feitiçarias ou algazarras que perturbem o socêgo publico.

Art. 72 Ninguém poderá andar seminú nas ruas da cidade, sob pena de 20\$000 de multa.

Art. 74 É expressamente prohibido aglomeração de pessôas desocupadas nas portas das casas comerciaes, balcões e passeios; pena de 50\$000 de multa¹⁵⁸.

A partir desses dispositivos, projetava-se escrever um modelo de vida urbana que envolvia aspectos do modo de falar, das manifestações culturais, das

¹⁵⁷ Outros episódios de indisciplina no estádio foram relatados no jornal. Cf. Filas Para os Guichês do Estádio “José Rocha” - Vanguarda, 22/03/1958. N.º436.p.1; Desportiva – Desorientação. Indisciplina e Violência - Vanguarda, 28/09/1958. N.º463.p.4; E Elas fugiram! Vanguarda, 10/07/1960. N.º506.p.4.

¹⁵⁸ Código de Posturas da Cidade de Jacobina, Ato nº 57, de 30 de dezembro de 1933. 1933.p.10

maneiras de vestir e dos movimentos pelas ruas da cidade. Com base nesse instrumento administrativo, buscava-se operar uma educação da linguagem, dos gestos, das maneiras de exposição do corpo e da dinâmica de circulação pelas ruas, ou seja, moldar os corpos a uma norma, articulada por regras orientadas por questões morais, religiosas, científicas e determinada noção de vida urbana, próprias dos legisladores e gestores, a serem escritas sobre o corpo de um outro.

Segundo Michel de Certeau, o corpo se fabrica através de múltiplos mecanismos, como leis, códigos, saber médico:

O corpo se repara. Educa-se. Até mesmo se fabrica. A panóplia dos instrumentos ortopédicos e dos instrumentos de intervenção prolifera portanto, à medida que, daqui em diante, o homem se torna capaz de decompor e reparar, cortar, substituir, tirar, acrescentar, corrigir ou endireitar. A rede desses instrumentos se complexifica e se estende (CERTEAU, 2009, p.234).

Por meio do citado instrumento de legislação urbana, o alcaide dispunha de dispositivos não apenas para escrever uma gramática para o tecido urbano, mas ainda para o corpo da população. Tendendo para certa homogeneização da sociedade local e da forma urbana, procurava-se alisar e alinhar os espaços e imprimir sobre os corpos uma maneira de comportar-se, instaurando uma determinada ordem na cidade, desde o desenho das ruas e a configuração das habitações, passando pelas formas de falar, pelas manifestações do corpo, aos modos de vestir e situar o corpo (parado ou em movimento) nas ruas. Prescrevendo até mesmo multa para os transgressores.

Dessa maneira, a modernização do espaço urbano, com as obras de remodelação, era acompanhada por um processo de busca pela homogeneização dos corpos citadinos. Tentava-se mudar uma pluralidade de modos, comportamentos e gestos, e instituir um conjunto de regras, acomodando-os a um determinado modelo. Porém, esses dispositivos de escrita sobre o corpo não funcionavam de maneira mecânica, a cidade também era construída pelos seus usos cotidianos, pelas vivências e práticas dos seus habitantes que transgrediam ou

ressignificavam as normatizações. Como percebe-se neste artigo do *Vanguarda* sobre a exaltação dos indivíduos durante as práticas desportivas no estádio:

A FALTA DE EDUCAÇÃO DA ASSISTÊNCIA DESPORTIVA

A assistência do Estádio Municipal, num atestado de falta de educação e desrespeito a tôdas as normas desportivas, vem invadindo a área de jogo, toda vez que surge o mais simples incidente em campo.

Ainda no último domingo, quando se realizava o encontro entre as equipes do “Leader” e do “Guanabara”, verificou-se esse lastimável espetáculo que, além de revelar falta de educação de quem o pratica, causa tumulto e confusão.

Apelamos para o sarg. Carlindo Ferreira da Silva, Delegado de Polícia local, no sentido de que mande mais policiais para o Estádio todos os dias de jogos, a fim de evitar esse mau hábito dos aficionados do “association”¹⁵⁹.

Pela narrativa do periódico, a partida em questão foi marcada pela invasão dos assistentes na área do campo – prática costumeira nas pelejas – o que, para os letrados, significava falta de postura e de educação, desordem, confusão e tumulto. Mais uma vez apelavam para as autoridades de segurança da cidade, no sentido de aumentar o efetivo de policiais para conter a empolgação dos expectadores que, movidos pela paixão que nutriam pelos clubes de futebol, extravasavam seus sentimentos, agindo disforme ao escrito. A medida sugerida no texto era mais um esforço, na incessante busca de manter os corpos circunscritos a uma norma, no caso, dispostos nas arquibancadas, alinhados e circunscritos num espaço, sem gozos, sem paixões ou pelo menos com suas emoções controladas, enfim, contidos. Entretanto, por mais que os mecanismos (administrativos, jurídicos) dirigiam-se a esquadrihar os sujeitos, as práticas revelavam-se rebeldes, insubordinadas.

O processo de produção do lazer esportivo na cidade implicava no silenciamento de outras práticas. Nesse sentido, as posturas municipais em vigor na

¹⁵⁹ A Falta de Educação da Assistência Desportiva - Vanguarda, 29/09/1956. N.º. 363.p.1

época interditavam determinados jogos e divertimentos. Do cenário das ruas deviam desaparecer os divertimentos populares, a exemplo do entrudo:

Art. 96 É expressamente proibido o jogo de entrudo, e expor a venda fazer uzo ou fabricar qualquer cousa para este fim, sendo apenas permitido o uso do lança-perfumes, confetes e serpentinas; pena 20\$000 de multa¹⁶⁰.

O jogo de origem portuguesa, praticado por grupos populares de foliões no período carnavalesco e eventos festivos, era embargado, inclusive com multa para os adeptos. O entrudo funcionava da seguinte maneira: os participantes lançavam água e outras substâncias nos demais, em quem estivesse passando pelas ruas, participando ou não da folia. Era uma prática comum entre grupos sociais do mesmo nível, no entanto, por vezes, empolgava e envolvia mais gente. A partir da segunda metade do século XIX, com a emergência das práticas desportivas no país, representadas como ícone da “civilização” e da “modernidade”, o jogo de entrudo passou a ser mal visto, tratado como uma prática insalubre e primitiva, um atentado à saúde e à moralidade, passando a sofrer interdições do poder público com punições para os praticantes (LUCENA, 2000, p.34-40). Contudo, ressaltava o dispositivo da legislação supracitada, a liberação de “lança-perfumes, confetes e serpentinas”, artefatos empregados nos clubes sociais, espaços de lazer reservados para os associados, pertencentes a determinadas famílias tradicionais e ricas da cidade. Em suma, as posturas funcionavam como mecanismo de regulação de práticas populares e demarcação de elementos de diferenciação social. Em outro artigo do Código era determinado:

Art. 110 É terminantemente proibido dentro da cidade o divertimento denominado arraias e papagaios, sejam de pano ou de papel, pena de 5\$000 de multa¹⁶¹.

Observa-se que havia, de um lado, os jogos de natureza desportiva, aceitos e estimulados, do outro, os jogos e divertimentos populares, interditos e censurados.

¹⁶⁰ JACOBINA. Código de Posturas da Cidade de Jacobina, Ato nº 57, de 30 de dezembro de 1933.p.14.

¹⁶¹ JACOBINA. Código de Posturas da Cidade de Jacobina, Ato nº 57, de 30 de dezembro de 1933.p.15.

¹⁶² Os primeiros, por sua vez, faziam parte do planejamento da cidade e mereciam uma intervenção urbana, com a edificação de uma praça (estádio), entretanto de acesso controlado, pois tinha de pagar para entrar nas dependências do espaço nos dias que ocorriam os espetáculos desportivos, funcionando, portanto, enquanto um dispositivo produtivo na cidade. Dessa maneira, desejava-se colocar à margem da paisagem urbana determinadas práticas de diversão da população, práticas essas que se encerravam em si mesmas, pelo simples gesto de divertir-se. De tal modo, instituindo um espaço para práticas de lazer, consideradas enquanto saudável e útil, a intervenção caminhava no sentido de uma homogeneização dos entretenimentos na cidade.

Em contraposição aos esportes, outras práticas de diversão na cidade, além das citadas acima, eram condenadas, como lemos nessa nota do jornal.

A EXISTÊNCIA DE “JOGOS DE AZAR” NESTA CIDADE

Não obstante as severas medidas tomadas pelo atual Governo contra a jogatina que infestava todo o Estado, fomos informados da existência de “jogos de azar” em determinados pontos desta cidade.

Confiamos na ação do sr. Delegado de Polícia no sentido de acabar com esta contravenção penal que tanto mal causa à coletividade¹⁶³.

Os ditos “jogos de azar”, por sua vez, recebiam um tratamento diferenciado nas páginas do semanário, tratado como caso de polícia, como um mal a ser extirpado da urbe. Esse tipo de jogo, comum nos meios populares, com baralhos, cartas ou dados, em que se faziam apostas de objetos ou valores, eram representados pelos editores do *Vanguarda* como uma prática nociva à coletividade,

¹⁶² Para entender a distinção entre esportes e jogos, conferir o estudo de Ricardo de Figueiredo Lucena. Este trabalhou com a ideia de um processo de desportivização dos passatempos no Brasil. A partir de Norbert Elias, faz uma sociologia das práticas esportivas no Rio de Janeiro, localizando a emergência dos esportes modernos no final do Império e início da República como um dos aspectos do processo civilizador do país. Especificamente, conferir o segundo capítulo do trabalho, *Do jogo à esportivização dos passatempos: o esporte no esforço civilizador brasileiro*. Cf. LUCENA, Ricardo de Figueiredo. *O esporte na cidade: aspectos do esforço civilizador brasileiro*. Tese (Doutorado) – UNICAMP, Campinas, 2000.

¹⁶³ VANGUARDA, 21/08/1955. N° 306. p.1

apesar de não deixar claro no texto qual seria esse mal. Seus leitores entenderiam. No entanto, algumas questões podem ser suscitadas. Era possível que, ao lado dos chamados “jogos de azar”, outras práticas e outros espaços podiam estar associados, como o consumo de bebidas, cigarros, em bares e prostíbulos.

De acordo com Zeneide Rios de Jesus, nas décadas de 1930 e 1940, período em que o município recebeu uma leva de emigrantes em busca de trabalho nos garimpos das serras adjacentes à cidade, o combate aos jogos de azar era uma constante. Nesse contexto, o jornal *O Lيدador*, que circulava na urbe, vinculava artigos e poemas de caráter moralista, alertando sobre os problemas que os jogos de azar poderiam resultar, como conflitos familiares, degeneração dos valores morais e prejuízos no trabalho. Segundo a pesquisadora citada, para o periódico que condenava os jogos de azar, essas práticas na cidade e nos distritos causavam prejuízos ao comércio, e associadas ao consumo de bebidas alcoólicas, por vezes, desencadeavam confusões e brigas. De tal modo, na percepção do jornal, representava o atraso, a preguiça, a miséria, aspectos que ameaçam a ordem e a imagem de civilidade defendida para a cidade (JESUS, 2005, p.50-72).

A propósito, a bebida alcoólica era alvo de preocupação por parte de sujeitos que atuavam no ramo da mineração, umas das principais atividades econômicas do município. Em carta veiculada no jornal *Vanguarda*, o engenheiro Armando Santos de Oliveira, responsável pelas atividades mineradoras nos garimpos das serras do povoado de Canavieiras de Fora, dirigia-se aos comerciantes da localidade, estendendo aos da sede, que vendiam cachaça, recomendando a evitar a venda do produto, pois estaria causando vício aos trabalhadores da mineração.¹⁶⁴

Dessa maneira, os “jogos de azar” eram associados a hábitos, comportamentos e práticas, tratados como nocivos à saúde, constituíam-se em mazelas e vícios que atingiam o corpo dos sujeitos. Contudo, mais uma questão deve ser pontuada. Sendo, por sua vez, praticado em virtude de apostas, envolvendo valores e objetos, os ganhos resultantes dessas práticas resultavam em dinheiro fácil

¹⁶⁴ Carta Circular aos Vendedores de Cachaça de Canavieira de Fora - Vanguarda, 04/02/1956. N°329.p.1.

para os vencedores – aspecto que contrariava a moral do trabalho, disseminada em artigos publicados nas páginas do *Vanguarda*.¹⁶⁵ Na edição 388, na última página do periódico, um texto assinado por um sujeito chamado Natanael de C. Andrade, sentenciava o valor do trabalho: “O trabalho é a mola mestra de todos os impulsos da existência. Não pode haver vida onde não existe trabalho. (...) O trabalho é um bem, bem de todos, imprescindível ao meio de subsistência da vida”.¹⁶⁶

Os designados “jogos de azar”, ganhavam espaço entre as colunas da primeira página do periódico. Era, dessa vez, noticiada a repressão policial no espaço da feira livre:

APREENDIDA UMA BANCA DE JOGO DE AZAR NA FEIRA

No penúltimo sábado foi apreendida pelo sgt. Brás dos Santos Lima, na feira semanal desta cidade, uma banca de jogo de azar que, há várias semanas, vinha funcionando ali, sob o pretexto de praticar jogo de “habilidade”.

O proprietário da mesma bancava o jogo armado com um revólver “Taurus” na cintura, o qual também foi apreendido por aquela zelosa autoridade policial¹⁶⁷.

Na nota, além de evidenciar e elogiar a intervenção policial, diante da prática considerada ilegal, o registro do periódico assinalava outra questão envolvendo o “jogo de azar”; quanto à prisão do dono da banca de jogo, fazia-se ainda o comentário sobre o porte de uma arma, assim, levava a sugerir uma associação entre a prática desse tipo de jogo e a violência na urbe. Todavia, percebe-se que, independente da repressão, os ditos “jogos de azar” continuavam a ser praticados, à revelia da vontade do redator do periódico e das normas jurídicas. Pequenos gestos e atos de ilegalidade, de teimosia e resistência caracterizavam o cotidiano da cidade, fazendo-a ser outra, o oposto da cidade ordeira e disciplinada,

¹⁶⁵ CONCEITO DE TRABALHO - Germano Machado. *Vanguarda*, 09/02/1957. N.º 381. p.1; O Trabalho - Natanael de C. Andrade. *Vanguarda*, 06/04/1957. N.º 388.p.4.

¹⁶⁶ ANDRADE, Natanael de C. *Vanguarda*, 06/04/1957. N.º 388.p.4.

¹⁶⁷ VANGUARDA, 21/12/1958. N.º 475.p.1

desenhada pelos dispositivos jurídicos, pelas posturas municipais e legislação sanitária.

Se os “jogos de azar” podiam estar associados às mazelas que atingiam o corpo, ao consumo de álcool, à prostituição, à violência e à desordem na cidade, figurando nas colunas do *Vanguarda* como alvo da repressão da polícia e como um exemplo a não ser seguido; os jogos de natureza esportiva, por sua vez, eram estimulados, merecendo a construção de um espaço para tal finalidade. A construção do estádio municipal fazia parte dos projetos de ordenação da cidade, instituíam-se um espaço de lazer e sociabilidade para a população, em que se desenvolviam práticas saudáveis e modernas.

Desse modo, o novo espaço de prática esportiva e lazer urbano estava ainda em consonância com os outros discursos e práticas em voga na cidade nesse período, como as exigências dos médicos sanitaristas e do alcaide, com o conforto e a higiene das habitações, a fim de garantir moradias e estabelecimentos salubres, com as transformações dos espaços urbanos sendo pavimentados e saneados, com as medidas de asseio, esgotamento e construção do serviço de água encanada. Sob a cidade transformada, com obras de urbanismo, desejava-se também corpos saudáveis, daí as atividades desportivas ganharem interesse do poder público – práticas e narrativas que se entrecruzavam na preocupação de produzir uma população com corpos e mentes sãs.

Considerações finais

Ao lado da inauguração da nova paisagem e forma urbana – com a pavimentação de ruas, abertura de uma extensa avenida, da implantação do serviço de água encanada, de esgoto, de limpeza urbana e ampliação do sistema de produção de energia elétrica – que era materializada nos logradouros centrais da urbe, configurando num processo modernização parcial, seletivo e excludente, destacamos aqui construção do estádio municipal “Francisco Rocha Pires”. Obra que consideramos enquanto estratégica para o modo de vida urbana projetada para a

cidade de Jacobina naquele contexto de modernização. Assim, a análise historiográfica sobre o processo de edificação da praça de esportes e lazer nos permite apontar para os seguintes aspectos. O trabalho veio a contribuir com os estudos acerca dos processos modernizadores das cidades, sobretudo, do interior da Bahia. A historiografia baiana que por bastante tempo esteve voltada para a capital (Salvador) e a região do Recôncavo, aqui destacamos a vida urbana no sertão baiano, apontando para outros personagens, tramas e conflitos e assinalando para as suas especificidades.

De tal modo, compreendemos que dentro do projeto de vida urbana imaginado para a cidade a invenção de um ambiente para a prática de esportes e lazer expressava o interesse da administração em ordenar e estimular tais atividades. Como apontamos ao longo do texto, a praça de esportes implantada dentro da cidade funcionava como mecanismo de gestão do espaço urbano e projeção de Jacobina em relação a outros centros urbanos. Dessa forma, as práticas desportivas, a exemplo do futebol, naquele contexto já bastante disseminado no país, ganhavam interesse para a administração municipal pelos seguintes motivos.

Primeiro, as práticas desportivas funcionava enquanto mecanismo de produção de corpos saudáveis; segundo, tratava-se de uma prática de lazer vista como moderna e civilizada. Assim, os projetos e intervenções do gestor, entrecruzavam com as prescrições e práticas na cidade dos médicos sanitaristas, dos professores do ginásio local e dos jornalistas do periódico o *Vanguarda*. Uma rede institucional de discursos e práticas operava na urbe buscando materializar um projeto de vida urbana, que envolvia a produção de corpos saudáveis. Assim sendo, os cidadãos jacobinenses passavam a acompanhar os espetáculos desportivos no estádio municipal, testemunhando exemplos de corpos saudáveis (de estudantes e atletas), produzidos a partir do exercício disciplinado; como também participavam de uma forma de lazer e sociabilidade, vistas como sadia.

Em contraposição, como normatizava as posturas municipais e denunciava os jornalistas, as práticas populares de diversão, como o entrudo, os “jogos de azar” e outras, eram interditas. Esses, por sua vez, eram suspeitos de afrontar a ordem da

cidade, devendo, portanto, ser excluídas da vida urbana. A exemplo dos chamados “jogos de azar”, que, por vezes, associados a outras práticas e comportamentos sociais vistos como desviantes, eram tratados como um mal a coletividade. Sob esse tipo de divertimento, devia prevalecer o lazer disciplinado e sadio. Por outro lado, o empenho da administração municipal na criação de um espaço para as atividades esportivas e que funcionava como uma forma de lazer urbano para a população servia como um dispositivo de homogeneização das diversões na cidade. Agindo desse modo, e com outros dispositivos institucionais interditando as práticas populares, buscava-se criar uma padronização das formas de diversão, com tipos específicos de eventos, jogos e esportes; com um espaço determinado onde se devia praticar, com regras para seguir e pagando para assistir. O que ressaltamos aqui é como o processo modernizante da cidade atuava de maneira a homogeneizar as práticas sociais. Nesse sentido, procurava excluir das ruas da cidade outras práticas de divertimento, como o entrudo e os “jogos de azar”.

Entretanto, apesar das medidas e intervenções de modernização e normatização, analisando as notas dos jornalistas, suas críticas e denúncias às autoridades quanto às práticas de indisciplina e desviantes a ordem urbana, percebe-se que a despeito daqueles que gostariam de vê-las fora do domínio das ruas, personagens e práticas “indesejadas” pululam no cenário urbano. O aparato disciplinar que atuava na cidade estava longe de exercer um controle pleno sobre o espaço. A dinâmica da vida urbana, analisada, aponta para fissuras no ordenamento desenhado, práticas desviantes e de indisciplina emergiam no cotidiano da cidade; diante das quais os dispositivos de normatização agiam incessantemente, buscando excluí-los das ruas.

REFERÊNCIAS

ALBURQUEQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. A dimensão retórica da historiografia. In: **O Historiador e suas fontes**. (Orgs): Carla Bassanezi Pinky e Tania Regina de Luca. 1.ed. São Paulo. Contexto, 2011. p.223-249.

ARAÚJO, J. D. de; et al. **Regionalização dos serviços de saúde pública: a experiência do Estado da Bahia, Brasil**. Saúde pública. Rev. Saúde Pública vol.7 no.1 São Paulo Mar. 1973. p.1-19. Disponível: www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-89101973000100001&script=sci_arttext

BATISTA, Ricardo dos Santos. **Lues Venerea e as Roseiras Decaídas: biopoder e convenção de gênero e Sexualidade em Jacobina-Ba (1930-1960)**. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. UFBA Salvador, 2010. (Dissertação de Mestrado).

BEGUIN, François. As maquinarias inglesas do conforto. Tradução: Jorge Hagime Oseki. In: **Espaço e Debate nº 34**. Revista de Estudos Regionais e Urbanos. São Paulo. 1991.p.39-54.

BENJAMIN, Walter. Paris, a capital do século XIX. In: **Passagens**. Belo Horizonte. Ed. UFMG. São Paulo. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009. p.53-65.

BENCHIMOL, Jaime Larry. A modernização do Rio de Janeiro. In: **O Rio de Janeiro de Pereira Passos: uma cidade em questão II**. (Org:) DEL BRENNNA, Giovanna RossoRio de Janeiro. Index, 1985.p. 599-611.

BLUME, Luiz Henrique dos Santos Blume. “Imagens da cidade: memória da modernidade no sertão. Jacobina, BA, 1920-1950”. In: **Culturas Urbanas Bahia: estudos sobre Jacobina e região**. Salvador, Eduneb, 2009.p.15-30.

BURITI, Iranilson. Alfabetizando a Rainha com o bisturi do progresso: práticas médico-higienistas e educação primária em Campina Grande (1920-1940). In: **Cultura e Cidades**. ANDRADE, Joel Carlos de Souza e *et al.*(Org:). Campina Grande. EDUFCEG, 2009.p.191-214.

CAMPOS, André Luiz Vieira de. O Serviço Especial de Saúde Pública: Políticas Internacionais e Respostas Locais. História em Revista, Pelotas, v. 11, dezembro/2005.p. 37-61.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Artes de fazer. Tradução: Ephaim Ferreira Alves. 3º edição. Petrópolis. Vozes, 1998.

CHARNEY, Leo; SCHWARTZ, Vanessa R. (Org.) **O Cinema e a invenção da vida moderna**. Leo Tradução: Regina Thompson. 2º ed. rev. São Paulo. Cosac & Naify, 2004.

CHOAY, Françoise. **O urbanismo: utopias e realidade, uma antologia**. 5. Ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

CIAM - Congresso Internacional de Arquitetura Moderna. 1933. Disponível: <http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=233>

COSTA, Afonso. Minha terra (Jacobina de antanho e de agora). In:Annaes do 5º Congresso Brasileiro de Geografia. Vol. II. Bahia. Imprensa Official do Estado. 1918. p.235-306.

CRUZ, Heloisa de F; PEIXOTO, Maria do R. da C. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. Projeto História. São Paulo: PUC-SP. n° 35, julho/dezembro, 2007. p 253-270.

FONSECA, Antônio Ângelo Martins da. **Poder, crise regional e novas estratégias de desenvolvimento local: o caso de Jacobina/Bahia**. Faculdade de Arquitetura. UFBA. Salvador, 1995. (Dissertação de Mestrado). p. 79-133.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. (Org.) Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal,1979.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução: Raquel Ramalhete. 37.ed. Petropólis. Vozes, 2009.

_____. **História da sexualidade I. A vontade de saber.** Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro. Edições Graal, 1988.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna:** uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 21. São Paulo. Loyola, 2011.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. Dos engenhos de açúcar aos campos de futebol. A crônica esportiva de José Lins do Rego. In: **História em cousas miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil.** CHALHOUB, Sidney *e et al.* (Org.) Campinas. SP. Editora da Unicamp.2005.p.401-431.

JESUS, Zeneide Rios de. **Eldorado Sertanejo, garimpos e garimpeiros nas serras de Jacobina (1930-1940).** Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. UFBA, Salvador, 2005. (Mestrado em História Social).

LEITE, Rinaldo Cesar Nascimento. **E a Bahia Civilizar-se... Ideais de civilização e cenas de anti-civilidade em um contexto de modernização urbana Salvador, 1912-1916.** Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. UFBA, Salvador, 1996. (Dissertação de Mestrado em História).

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meios dos periódicos. In: **Fontes Históricas.** Carla Bassanezi Pinsky. (Org:). 3.ed. São Paulo. Contexto, 2011.p.111-153.

LUCENA, Ricardo de Figueiredo. **O esporte na cidade: aspectos do esforço civilizador brasileiro.** Campinas, SP. 2000. (Tese de Doutorado).

MARCONDES FILHO, Ciro. **O capital da notícia:** jornalismo como produção social da segunda natureza. São Paulo: Ática, 1986.

NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares. Tradução: Yara Aun Khoury. In: Projeto História. Revista do Programa de Estudos de Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC – SP. São Paulo. 1981.

OLIVEIRA, Valter Gomes Santos de. **Revelando a cidade:** Imagens da modernidade no olhar fotográfico de Osmar Micucci. (Jacobina 1955-1963). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. UFBA, Salvador, 2007. (Dissertação de Mestrado).

OLIVEIRA, Valter; MENEZES, Adriano. (Org.) **Culturas Urbanas na Bahia:** estudos sobre Jacobina e região. Salvador, Eduneb, 2009.

OLIVEIRA, Clóvis Frederico Ramaiana Moraes. **“Canções da cidade amanhecendo”:** urbanização, memórias e silenciamentos em Feira de Santana, 1920-1960. Universidade de Brasília. Programa de Pós-Graduação em História, 2011. (Tese de doutorado).

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre.** Porto Alegre. EDUFURGS, 2002.

PINHEIRO, Eloísa Petti. O caso da cidade do Salvador. In: Europa, França e Bahia: difusão e adaptação de modelos urbanos (Paris, Rio e Salvador). 2.ed.Salvador : EDUFBA, 2011.p.175-266.

RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar - 1890-1930.** Rio de Janeiro. Paz e terra. 1985.

SANTOS, Vanicléia Silva. **Sons, danças e ritmos:** A Micareta em Jacobina - Ba (1920-1950). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP. São Paulo, 2001. (Dissertação de Mestrado).

SENNET, Richard. **A Carne e a pedra: O corpo e a cidade na civilização ocidental.** Tradução: Marcos Aarão Reis. Rio de Janeiro. BestBolso, 2008.p.261-288.

SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: **História da vida privada no Brasil.**Vol.3 (Org). Nicolau Sevcenko. São Paulo. Companhia das Letras, 1998. p.514-618.

_____. **Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20.** São Paulo. Companhia das Letras, 1992.

SOARES, Carmen Lúcia. Pedagogias do corpo: higiene, ginásticas, esporte. In: **Figuras de Foucault.** (Org:) RAGO, Margareth; VELGA-NETO, Alfredo. 2.ed. Belo Horizonte. Autêntica, 2008. p.75-85.

VIEIRA, Daniela Nunes Silva. **Novas perspectivas: modernização em Jacobina (1930-1940).** Universidade do Estado da Bahia- UNEB, Campus IV. Jacobina, 2011. (Monografia de graduação).